

O TIRO CIVIL

Orgão dos Atiradores Civis e Caçadores Portuguezes

PROPRIETARIOS:— Anselmo de Souza e Palermo de Faria

Publicações	
Annuncios, cada linha, typo commum	20 réis
Communicados	60 "
Reclamos	100 "
Artigos	200 "

LISBOA

Quinta feira 26 de março de 1896.

Assignaturas	
Lisboa, série de 12 numeros.....	300 réis
Provincias, séries de 24 numeros....	600 "
Numero avulso	50 "
Paizes da união postal, 24 numeros..	15000 "

RESUMO

Associação dos Atiradores Civis Portuguezes.—Breve noticia historica acerca das armas portateis, por Nemo.—Carreira de tiro.—Associação dos Atiradores Civis «Estrella». — A Lebel-Martini, por L. Formont. — A defesa da caça, por Ouzira Carvalho.—O tigre, por Fulbert-Dumentell.—O defeso.—Os cães para correr.

ASSOCIAÇÃO

DOS

ATIRADORES CIVIS PORTUGUEZES

Na ultima sessão de direcção d'esta sociedade, por proposta do secretario o sr. Anselmo de Souza resolveu-se que fosse lançado na acta um voto de congratulação pelos brilhantes feitos do valente capitão Joaquim Mousinho d'Albuquerque, e que este voto fosse communicado ao distincto e brioso official.

Em cumprimento d'esta resolução foi enviado ao major Mousinho d'Albuquerque o officio que abaixo transcrevemos e a que a redacção do *Tiro Civil* se associa com todo o entusiasmo.

O officio é o seguinte:

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Por voto unanime da direcção da *Associação dos Atiradores Civis Portuguezes*, foi lançado na acta das suas sessões um voto de congratulação pelos brilhantes feitos por V. Ex.^a realisdos n'essas paragens africanas, onde o Destino o chamou a levantar o prestigio do nome portuguez e a rememorar para a bandeira da Patria essas épocas gloriosas dos mais illustres e esforçados capitães.

Ao comunicar a V. Ex.^a este voto que representa a expressão sincera da mais subida admiração e do mais nobre entusiasmo d'uma sociedade que tem por fim ensinar á classe civil o manejo da arma de guerra, para que possa ao lado do exercito defender a honra da bandeira portugueza, que é a honra de todos nós, sentimos-nos orgulhosos por ver que a tradição immorttal das façanhas de nossos maiores encontrou em V. Ex.^a singular continuador, e que, não menos ousado, nem menos corajoso do que os primeiros que souberam elevar o nome portuguez ao fastigio da gloria, V. Ex.^a bem mereceu de quantos se orgulham de chamar-se portuguezes e se sentem rejuvenescer ao fitar esse traço de scintillante luz que, certamente, marcará o começo d'uma nova epopeia.

Deus Guarde a V. Ex.^a

Associação dos Atiradores Civis Portuguezes em 21 de março de 1896.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Joaquim Augusto Mousinho d'Albuquerque.

A DIRECÇÃO

- José Francisco Palermo da Fonseca Faria.
- Anselmo de Sousa.
- Claudio Castel-branco.
- Prospero Ribeiro Chaves Meyrelles.
- Joaquim Fraga Pery de Linde.
- João Consigheri Pedroso.
- Joaquim de Sousa Padesca.

CLUB DOS CAÇADORES DO PORTO

No relatório d'esta benemerita aggre-miação de que transcrevemos em o nosso ultimo numero, o que mais nos parecia interessar os nossos leitores e de que ainda extractaremos alguns trechos, encontramos a paginas 53 algumas palavras que são especial e particularmente dirigidas ao nosso modesto semanario.

Não merecemos, certamente os louvores que nos são feitos e que devemos apenas á muita sollicitude e benevolencia do illustre relator. Aceitamos, porém, os parabens que nos são dirigidos ao completarmos o primeiro anno de publicação e afirmamos que o *Tiro Civil* continuará, como até hoje, no mesmo caminho, dedicando-se á propaganda em favor do tiro nacional e sempre prompto a prestar aos caçadores todo o auxilio que lhe fôr possível.

Agradecemos em extremo penhorados as palavras que nos são dedicadas e que serão para nós um incitamento. O pouco que temos feito, por emquanto, alguma cousa é já, pois a pouco e pouco se vae generalizando a idéa da utilidade do tiro nacional, e vemos com prazer que a imprensa no ultimo anno se occupou muito mais das questões do *defeso* do que costumava fazer anteriormente.

Isto prova que é indispensavel estar sempre alguem na brécha e prompto para citar todos os abusos e pedir com persistencia e com energia a applicação da lei. Talvez assim possa evitar-se o completo desapparecimento da caça indigena, que se é um divertimento, é ao mesmo tempo uma fonte de riqueza publica, não tanto para desprezar como geralmente supõem os que nada se importam com os caçadores, e ainda menos os que por todas as formas escarnecem dos editaes e das auctoridades encarregadas do cumprimento da lei.

Póde o *Club dos Caçadores do Porto* contar connosco e pedimos-lhe que nos envie todas as noticias que julgar de utilidade publicar; a todas as outras sociedades suas congeneres, a todos os caçadores emfim, offerecemos as nossas columnas e muito lhes agradeceremos as noticias que nos enviarem.

Breve noticia historica acerca das armas portateis

(Continuado do n.º 54)

O systema de inflamação da carga nas primitivas armas de fogo era o de um *murrão* applicado ao ouvido da arma, resultando d'este methodo que o atirador era simultaneamente obrigado a sustentar a arma em pontaria com a mão esquerda e com a direita lançar o fogo ao rastilho, que communicava com o *ouvido*,

tanto que resistir tambem ao recuo da arma.

Em vista d'estes inconvenientes é que nasceu a idéa de dotar a arma com o apparelho que communicasse fogo á carga d'um modo mais commodo para o atirador, dando logar a que se inventasse a *serpentina*, que remediava em parte alguns dos inconvenientes do *murrão*.

Mas não era ainda este systema que mais convinha á arma portatil, por isso que ainda apresentava os graves inconvenientes de ser o atirador obrigado a conservar o *murrão* da *serpentina* acêso durante a operação do carregamento, o que era em extremo perigoso; de tornar visivel durante a noite o atirador e de não funcionar com regularidade quando chovesse.

Tentou-se ainda aperfeiçoar por diversos modos este systema, mas não se conseguiu fazer desaparecer por completo todos os seus inconvenientes, até que em 1517 um relojoeiro de Nuremberg inventou um machinismo, que, adaptado ás armas portateis, permitia lancar fogo á carga sem haver os perigos que apresentava a *serpentina*.

Esta invenção, muito simples e engenhosa, ficou sendo conhecida pelo nome de *fechos de roda*, consistindo n'uma peça chamada *cão*, que tinha duas laminas, entre as quaes se collocava uma pyrite para produzir faiscas pela fricção sobre uma roda de aço canellada, posta em movimento e permida contra ella por meio d'uma mola.

O machinismo punha-se em movimento pelo destravamento d'uma cavilha que retinha uma corda que se envolvia sobre o eixo da roda e que era posta em movimento por uma mola de relojaria.

Como se vê, era este systema muito mais simples que o da *serpentina*, pois apresentava a vantagem de se supprimir o *murrão*, que tantos inconvenientes apresentava, mas apesar d'esta vantagem, este invento não foi applicado em armas de guerra por ser muito morosa a operação de dar corda ao machinismo; ser necessario substituir-se amiudadas vezes a pyrite, que se quebrava com facilidade e por ser o seu preço muito elevado.

Estes fechos tiveram uma modificação importante, devido a que por mero acaso o *cão* cahiu sobre a *roda* e produziu faiscas, d'onde se viu que a *roda* podia ser substituida por uma placa d'aço, dando-se ao *cão* um rapido movimento de rotação, sendo a placa d'aço collocada n'uma posição obliqua, afim de receber o choque do *cão*.

Foi d'esta modificação que nasceu o *fecho de pederneira ou silex*, o qual se generalisou em 1630, e que veio remediar alguns inconvenientes que apresentavam os *fechos de roda*.

O *fecho de silex* compunha-se d'uma chapa chamada *chapa dos fechos*, onde

se ligavam as diversas peças que compunham o machinismo, sendo os principais o cão e o fuzil.

O cão retinha entre duas laminas de aço uma pedreira envolvida em couro ou chumbo, para que se podesse fixar melhor com um parafuso que ligava as laminas.

No momento em que o cão cahisse sobre o fuzil, este recebia a pancada n'uma posição fixa, pondo em seguida a descoberto a cassoleta, peça que continua a escorva e que está ligada ao cano comunicando com o ouvido, sendo os movimentos do cão e o do fuzil perfeitamente angulares.

O cão tinha tres posições em que se podia collocar armado quando estava completamente puchado á rectaguarda e por isso prompto a ferir o fuzil, desfechado quando abatido por completo para a frente e descanso na posição intermedia, não podendo produzir faiscas ainda que accidentalmente cahisse sobre o fuzil, o qual tinha apenas duas posições estaveis a de fechar a cassoleta e a de tel-a aberta.

A chapa dos fechos era atravessada por um eixo que dava movimento ao cão e uma pequena peça denominada noz, estando o eixo ajustado e apenas com um movimento livre no orifício da chapa, sendo sustentado no outro extremo por uma peça chamada ponte aparafuzada na chapa dos fechos.

O movimento do cão era realizado por meio d'uma mola de grande força, que se denominou mola real, conseguindo-se que o cão fosse fixado nas tres posições por meio d'um armador que entrava nos entalhes da noz, sendo retido em cada entalhe pela acção da mola de arma.

O movimento do fuzil fazia-se tambem em torno d'um eixo, sendo obrigado por meio d'uma mola a fechar a cassoleta, tendo menor força que a mola real.

Par armar ou pôr no descanso o cão levantava-se este com a mão até ao respectivo entalhe, e a operação de desfechar era feita por meio d'uma peça denominada gatilho, que, apertando o armador contra a mola de armar, destruiu por completo o efeito d'esta, fazendo com que o armador sahisse do entalhe da noz e a mola real fizesse girar a noz e arrastar o cão.

(Continúa.)

Nêmo.

CARREIRA DE TIRO

Na quinta feira, 19 do corrente, quasi não foi ninguém á Carreira, apenas se fizeram 130 tiros com a arma de guerra.

No domingo, 22, dispararam-se 1:040 tiros com a mesma arma.

Apesar do dia estar chuvoso, houve alguma concorrência, entre outros vimos o sr. tenente coronel Sousa Machado, que fez fogo com a sua Martini, o sr. capitão Nunes Gonçalves, nosso distincto collaborador, que tambem fez alguns tiros com muita precisão. O sr. alferes Sande e Lemos, em serviço de instructor na Carreira, fez duas magnificas series, no alvo a 200m, Gunguhana, figura de joelhos, empregando 18 balas em 20 tiros.

Das associações e grupos, havia regular concorrência, os socios da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes fizeram 270 tiros com a arma de guerra, com o seguinte resultado:

Alvo a 200m,	80	disparados	50	acertados
" " 300m,	110	"	72	"
" " 400m,	80	"	46	"
Total...	270	"	168	"

Poule

No alvo a 200m, figura de joelhos, 10 tiros, fo de pé:

	Balas acertadas
Moraes Carvella.....	7
Manoel José de Magalhães.....	6
A. J. Rodrigues.....	5
Ivens Ferraz.....	4
Theodosio Baganha.....	3
Ganhou o sr. Moraes Carvella.	

Distinguiram-se entre outros os seguintes srs.: Manoel J. de Magalhães, no alvo a 200m, 6 acertados em 10, tiro de pé.

João Consiglieri Pedroso, no mesmo alvo, 7 em 10.

Roberto Rogenmoser, no alvo a 300m, 8 em 10, uma mouche.

Antonio Joaquim Rodrigues, no alvo a 200m, 5 em 10; no alvo a 400m, 6 em 10.

João de Moraes Carvella, no alvo a 200m, 7 em 10, tiro de pé; no alvo a 300m, 9 em 10, no alvo a 400m, 9 em 10, tres mouches.

Gil Portocarrero, no alvo a 300m, 19 em 20, tiro de pé; no alvo a 400m, 8 em 10, tiro de pé.

João Torres, no alvo a 200m, 7 em 10; no alvo a 300m, 10 em 10.

João Ivens Ferraz, no alvo a 200m, 8 em 10, tiro de joelhos; 6 em 10, tiro de pé; no alvo a 300m, 6 em 10, tres mouches; no mesmo alvo, 10 em 10, seis mouches! tiro de joelhos; no alvo a 400m, 10 em 10, uma mouche, tiro de joelhos.

São realmente notaveis as duas ultimas series, feitas por este distincto atirador, um dos mais assiduos frequentadores da Carreira.

A Associação Estrella disparou 250 tiros, empregados como segue:

Alvo a 200m,	70	disparados	41	acertados
" " 300m,	120	"	105	"
" " 400m,	60	"	30	"
Total...	250	"	176	"

Effectuou-se a nova escolha de chefe do 3.º grupo, 5 tiros de pé, tendo o seguinte resultado:

Nunes Ferreira.....	4	acertados
H. Bachofeny.....	4	"
João Diniz.....	4	"
V. Roquete.....	1	"
G. Henriques.....	1	"
Nascimento.....	1	"

Desempate com 5 tiros:

João Diniz.....	4	acertados
Nunes Ferreira.....	3	"
Bachofeny.....	3	"

Ficou chefe do 3.º grupo o sr. João José Diniz. Distinguiram-se os srs.: Thomaz Coelho, a 200m, 8 em 10; a 300m, 9 em 10.

Gil Dias, a 300m, 10 em 10.

Bachofeny, a 200m, 7 em 10; a 300m, 7 em 10; a 400m, 9 em 10, tiro de pé.

J. Diniz, a 300m, 8 em 10.

E. Noronha, a 300m, 7 em 10.

Nunes Ferreira, a 300m, 8 em 10.

T. Vianna, a 300m, 6 em 10.

G. Henriques, a 400m, 8 em 10.

J. Rebordão, a 400m, 7 em 10.

O grupo Lisbonense esteve representado por quatro dos seus socios que fizeram 60 tiros com o seguinte resultado:

Alvo a 200m,	10	disparados	4	acertados
" " 300m,	40	"	26	"
" " 400m,	10	"	9	"
Total...	60	"	39	"

Distinguiram-se os srs.: Manuel dos Santos Constantino, a 300m, 9 em 10, tres mouches.

Firmino Antonio Barata, a 300m, 9 em 10, quatro mouches; a 400m, 9 em 10, tres mouches.

Leonel Pimentel d'Almeida, a 300m, 5 em 10.

No primeiro domingo de abril apresenta-se o grupo officialmente com o novo distinctivo, o escudo com a corôa mural da cidade de Lisboa, sem o galeão, com duas espingardas cruzadas e dois grupos de balas.

Hontem, quarta feira, 25, dispararam-se 470 tiros.

Pouca animação, está demonstrado que os domingos são os dias escolhidos pelos atiradores para os exercicios de tiro, os dias santos applicam-n'os a outros divertimentos.

Os socios da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes fizeram 130 tiros, com as seguintes percentagens:

Alvo a 200m	40	disparados	29	acertados
" " 300m	50	"	39	"
" " 400m	40	"	32	"
Total...	130	"	100	"

Distinguiram-se os srs.: Joaquim de Sousa Padessa, a 200m, figura de joelhos, 10 em 10.

J. Ivens Ferraz, no mesmo alvo, 14 em 20, tiro de joelhos; alvo a 300m, 10 em 10, tiro de joelhos, uma mouche.

Luiz Arede C. Saraiva, a 300m, 8 em 10, uma mouche; a 400m, 19 em 20.

J. Carrilho Garcia, a 300m, 15 em 20, uma mouche, tiro de pé.

Roberto Rogenmoser, a 400m, 18 em 20, uma mouche.

Lucas da Silva, a 300m, 6 em 10, tiro de pé.

Os socios da Associação Estrella fizeram 90 tiros.

Alvo a 100m	10	disparados	7	acertados
" " 200m	30	"	18	"
" " 300m	50	"	20	"
Total..	90	"	45	"

O distincto atirador do grupo Suisso o sr. Roberto Rogenmoser, entrou para a Associação dos Atiradores Civis Portuguezes na qualidade de socio extraordinario.

ASSOCIAÇÃO

DOS

ATIRADORES CIVIS ESTRELLA

O passeio d'esta associação realisa-se no proximo domingo 29, sendo a partida da sua sede ás 5 horas da manhã em direcção a Queluz por Ajuda, effectuando-se o regresso por Carnaxide a Algés, onde devem chegar ás 5 horas horas da tarde.

No trafego far-se-hão diversos exercicios de gymnastica militar applicada, taes como: travessia da ribeira em Queluz sobre um eucalypto derrubado, travessia do Jamor sobre corda horisontal, idem por Alpondras, salto de vara, escallada, etc. No logar denominado Caruncho, onde acamparão durante 3 horas, realisam-se exercicios de esgrima de florete, sabre, bayoneta e pau, e um concurso de tiro com carabina reduzida, com dois premios, uma Flaubert e um alfinete representando uma bala.

A associação premiará tambem os alumnos da aula de gymnastica, que mais se distinguirem.

Ao encontro dos excursionistas em numero de 50, vão a Queluz em carruagens muitos socios e senhoras de suas familias.

A comissão do passeio é composta pelo presidente da associação sr. dr. Cunha Belem, pelos 2 professores Arnaldo Cruz e Pedro Ferreira e por dois socios eleitos pelos excursionistas na ante vespera do passeio.

O jury para o concurso de tiro compõe-se dos srs.: presidente da associação, os seus dois professores; o sr. Thomaz Coelho e Luiz d'Oliveira Miranda Vianna.

O jury que premiará os alumnos da gymnastica compõe-se dos mesmos cavalheiros á excepção do sr. Thomaz Coelho, que será substituido pelo sr. Manoel Nunes Ferreira.

O concurso de tiro reduzido faz-se a 12m de distancia, sendo admittidas carabinas de 22.

A LABEL-MARTINI

EM o n.º 12 do *Tir National*, de 21 do corrente mez, encontramos o seguinte artigo:

«Lendo a chronica do *Tir National* de 7 de setembro de 1885, de que fazemos um extracto, quem, entre os amadores de tiro, não desejou que fosse feita, com o cano *Label*, uma carabina de precisão que fosse para a nossa arma nacional actual, o que a carabina de 7^m 1/2 é para a arma da ordenança suíça.

— «Sob o ponto de vista do tiro o concurso de Winterthur apresenta sobre os anteriores um dado característico que chama a atenção: n'este concurso, o ponto importante estava no facto dos tiros serem todos dados, á parte algumas excepções muito raras, com a nova espingarda da ordenança e com a carabina de pequeno calibre, carregando ambas com as munições da ordenança.

— «No tiro federal precedente, em Glaris, tinham-se visto já alguns atiradores com a nova espingarda suíça, mas era excepção e a carabina do antigo calibre era ainda de uso corrente.

— «O concurso de Winterthur foi, se assim nos podemos exprimir, o enterro das armas de guerra de grosso calibre. E este resultado foi desejado pela disposição do programma que dava vantagem de seis centímetros, nos girantes, á espingarda da ordenança suíça, sobre todas as outras armas.

— «Alguns atiradores francezes tendo levado a espingarda *Label*, pensavam poder, com esta excelente arma, sustentar a lucta. Não tinham pensado que, sendo esta espingarda equiparada ás armas de amadores e não admittida como da ordenança, deviam fazer fogo sobre um alvo de 32 centímetros, enquanto que com a arma da ordenança suíça, atirariam a um cartão de 38 centímetros. Portanto a sua tentativa... não passou de tentativa e bem depressa começaram a atirar, como todos os outros, com a espingarda da ordenança suíça, ou com carabinas de pequeno calibre».

«Hoje o problema está resolvido. «Existe uma carabina de precisão do calibre da *Label*, e o *Tir National* de 8 de fevereiro (Vide *Tiro Civil* n.º 50) ultimo deu noticia dos magnificos resultados obtidos por M. Bonnemain Raveneau, armeiro em Rouen, resultados que confirmaram o que M. De Latour, na citada chronica, dizia da espingarda *Label*:

«A sua precisão é notavel e sob o ponto de vista dos desvios, pensamos que não tem tantos como a espingarda suíça.»

«Eis-nos pois superiormente armados graças á feliz iniciativa do espingardeiro Richner, cuja reputação afinal estava bem firmada.

«Mas a arma que assim satisfaz os amadores da carabina, não é unicamente um progresso da espingardaria, vae ter consequências muito favoráveis ao tiro de modo que se pode avançar que é o seu Messias.

«Para começar vae fornecer aos atiradores da região norte um meio mais de reagir contra o tiro deitado que, decididamente, ameaça eternisar-se em França, apesar da intervenção da *Label*.

«Tinha-se no emtanto esperado que desapparecendo a *Gras*, os *preguiçosos* se decidiram a experimentar o tiro leal. Infelizmente não foi assim e o costume do colchão é tal que, embora se tivesse como arma de guerra uma espingarda de tão pequeno recuo com a carabina *Flobert*, o colchão ainda seria preferido.

«Se accentuarmos a este censuravel vicio, que a carabina de grosso calibre morreu, que lucta, contra a carabina 7^m 1/2 suíça e contra a *Label* (posições facultativas) e se completarmos o quadro com a seguinte circumstancia: que muito poucas carreiras permitem o uso da carabina carregando com a munição suíça... chegase a concluir que, apesar de todos os esforços o tiro de pé estava prestes a desapparecer.

«A arma nova deve pôr tudo isto no seu lugar e eis como:

«Em primeiro lugar ser-lhe-hão abertas todas as carreiras porque o cartucho que emprega é o cartucho de carreira para a *Label*, que se encontra em todas as carreiras francezas.

«Depois, esta carabina feita com duplo gatilho pôde luctar vantajosamente com a carabina suíça 7^m 1/2 o que será provado por occasião do encontro d'estas rivas nas raras carreiras onde a arma helvetica é admittida.

«Além d'isto, vencerá os atiradores deitados, embora estes estejam armados com a *Label*, se a medida adoptada pela região do norte se generalisar, dimensões diferentes dos alvos para os tiros de pé e deitado.

«A questão das munições tem solução das mais favoráveis; nós fazemos em França (socie-

dade franceza das munições) o cartucho de carreira para a *Label*, hoje irreprehensivel e não temos o incommodo das formalidades sem numero que são exigidas para se obterem as munições suíças que a carabina de 7^m 1/2 emprega.

Tal é o conjunto das vantagens que apresenta a arma combinada por M. Rychner com o cano *Label*, vantagens que, sem duvida alguma, vão fazer rarear as fileiras tão serradas dos atiradores deitados para reforçar a phalange dos atiradores a valer.

L. Formont.»

A DEFESA DA CAÇA

COM este titulo escreve o nosso estimado collega *Revista Florestal* em o n.º 3 da 2.ª série de março de 1896 o artigo que em seguida publicamos e para o qual chamamos a atenção de todos quantos se interessam por este assumpto que tem realmente muita importancia.

O artigo é o seguinte:

«Começou no primeiro d'este mez a epocha em que no nosso paiz é prohibido caçar. Esta prohibição pôde-se considerar como letra morta, tanta é a indifferença que se nota nas cahoticas posturas municipaes e a confiança na impunidade, pela ausencia de policia rural.

«Como é sabido, cada concelho possui uma legislação a seu modo, quasi sempre desigual do visinho, com penalidades tambem diversas e até dando por finda a *defeza*, antes d'ella terminar na comarca limitrophe. As multas, quando impostas aos delinquentes, são insignificantissimas, de fórma que nenhum receio inspiram; a colheita dos ninhos um divertimento predilecto dos rapazes e a caça dos casaes reproductores, o entretenimento favorito do boçal camponez, durante a folga do domingo. Se as leis são insufficientes e a fiscalisação não existe, seria para admirar que assim não succedesse.

«Necessaria é a revogação de todas as disposições actuaes por outras mais uniformes e rigorosas. A nosso ver, o unico meio de conseguir esse *desideratum*, é imitar o que está em vigor em Hespanha ou na França, onde a legislação é uma unica e os resultados sem duvida mais praticos. A lei franceza que foi promulgada em 1844 impõe a multa de 50 a 200 francos, sejam 90000 a 760000 réis na nossa moeda — cotado o franco a 180 réis — ou na prizão de seis dias a dois mezes, a todos que exercerem a caça durante o tempo prohibido e aos que o fizerem de noite com armadilhas não toleradas, etc. Estas disposições poderão attingir o dobro em casos de reincidencia, bem como privar o infractor da licença de caça, durante cinco annos.

«A lei hespanhola, embora as multas não sejam tão elevadas, não deixa todavia de ser energica, muito completa, não consentindo em tempo algum a caça de aves consideradas uteis á agricultura. Ambos os diplomas tornam responsaveis, os paes, tutores e amos dos menores delinquentes.

«Parece-nos que muito se lucrava, colligindo o que n'estes dois paizes se acha disposto e no projecto da lei de fomento rural do malgrado estadista Oliveira Martins, na bem elaborada parte que se occupa de caça e pesca. E' pois de summa conveniencia a substituição de todas as posturas por um unico codigo cynegetico, emanado do poder central, favorecendo os municipios com a receita das licenças especiaes, que todos os caçadores seriam obrigados a tirar.

«A fiscalisação poderia ser exercida como em França, pelos guardas flores-

taes e campestres, onde os houvesse, pelos cantoneiros d'obras publicas, que se encontram em todo o paiz e ainda pelos regedores e cabos de policia, embora actualmente estes sejam os que mais esquezem o seu dever sobre este assumpto.

«Esperamos que se ligue alguma importancia á questão de que tractamos. As associações de caçadores e de tiro, que já existem no paiz, ao nosso collega *O Tiro Civil*, alvitramos a conveniencia de reunirem os seus patrioticos esforços, porque com a muita boa vontade que tem mostrado, talvez alguma cousa se conseguisse.

Oliveira Carvalho.»

O TIGRE

UMA classificacão pueril fez d'este soberbo animal o vice-rei dos animaes tendo por sultão o leão.

O tigre é só tigre e não partilha com outro a sua corõa ensanguentada. E' simplesmente o monarcha da Asia, como o leão é o rei da Africa. Um reina como soberano no oriente, outro tem por fhrono o Athas.

Ambos são terríveis potentados ao mesmo tempo que miseraveis bohemios, constantemente atormentados pela fome e expostos á morte, sempre á procura d'um jantar chimerico nos juncos ou no deserto, habitando eternamente ao ar livre e ceando ou não ceando, acampando junto d'uma arvore ou d'um rochedo, envoltos na sua magestosa magreza como um mendigante hespanhol na sua orgulhosa pobreza.

A imaginação cercou o tigre d'uma aureola de carnificina e passou á historia natural, com o focinho coberto de nodos de sangue que nem todas as aguas de Ganges poderiam lavar.

O tigre não tem certamente a mansidão cordeiro. A natureza impoz-lhe appetite mais serio. Mas este grande carnívoro é certamente menos feroz do que a toupeira ou a doninha, e nós esmagamos, a cada passo, insectos mais cruéis do que o tigre.

O tiore domestica-se talvez melhor do o leão, respeita a mão que o sustenta e, tão amigo de caricias como um gato domestico, curva o lombo giganteo sob o dedo soberano do homem.

Replecto, fica socegado e desdenhoso perante o viajante, lambendo com adoravel graça as largas e avelludadas patas parece dizer-lhe: «Obrigado, estou satisfeio agora, passa por cá amanhã!»

O tigre encontra-se na maior parte da superficie da Asia. E' um habitante das montanhas que vae da melhor vontade jantar á planicie. O calor agradavel, mas o seu manto real arrosta com os frios.

A Bengala, Mongolia, o reino de Siam, o Toukin, o Anam, a Birmania, o Cambodge, a China, a Cochinchina, eis os immensos dominios do tigre, que passeia no Thibet assim como tem um palmo de terra nas frondosas ilhas do oceano indico.

O tigre da Cochinchina não tem talvez a atterradora belleza do tigre de Bengala. Baixo e reforçado, parece um pouco pesado sobre as grossas patas; massa indolente e soberba, magestade pezada e formidavel, parece dormir; mas por um nada, levanta-se, salta e fere; é uma flécha que passa, um grito que realta, um raio que fulgura; sob a sua garra um ancinho, sob a sua patta

uma massa; a sua victima, ganse, lobo, javardo, homem, boi ou cavallo, cae com a nuca despedaçada, o ventre rasgado.

Dorme quasi todo o dia, gostando só da noite em que os seus grandes olhos errantes scintillam com fogo selvagem, em que a sua bella pelle mosqueada se estende, se dobra, se enrola, ondula, como um tapete vivo.

Quando vê o homem pela primeira vez, nunca o attaca, considera-o com surpresa e desdem:

«Quem è este pygmeu?»

Este pygmeu, sr. tigre, é o senhor do mundo e o domador da criação.

Mas uma vez que, por acaso, o tigre saboreou o homem, o que mais deseja é repetir o pacto:

Só o primeiro bocado é que custa.

Os indigenas da Cochins china e do Annam, tem tido a engenhosa idéa de se desembaraçarem do *monsenhor*, o tigre, como respeitavelmente lhe chamam dando-lhes um concerto.

Não é mortal senão para o ouvido. Armados com tam-tans, trompas e matracas, os assaltantes, não me atrevo a dizer os musicos, fizeram um grande circulo ao redor do bosque onde os tigres dormem a sêsta.

Atordoados como este ruido extravagante, os tigres são accommettidos de louco furor, ficam onde estão, hesitantes, tremulos, da orelha cahida. não pensando em fugir, nem em defender-se.

Approximam-se d'elles impunemente para os matarem á lançada ou a tiro. Se um d'elles consegue escapar-se, foge para a montanha, apontado, como se tivesse um concerto na cabeça.

Não voltará outra vez lá.

Ha outra caçada tão pittoresca como engenhosa. Ao redor do antro do tigre, espalham-se largas folhas de figueira molhadas com um liquido viscoso. O tigre sae da sua real morada e avança orgulhosamente sobre o enganador tapete. Prende-se-lhe uma folha á patta, depois outra, depois cinco, dez, vinte; admira-se, irrita-se, por não comprehender este detestavel gracejo. Com os labios tremulos de colera tenta desembaraçar as pernas d'aquelles objectos extravagantes. Mas d'alli a pouco o focinho, o pescoço, o peito está coberto. Furioso, salta, rola-se no chão, rugindo, mordendo a terra, levantando-se, tornando a cair, hesitante entre a estupefacção e a raiva.

Não é uma fera, mas uma massa informe, singular, phantastica, rolando e saltando, de folhas que parecem animadas.

Finalmente palpitante, extenuado, exhausto de forças e de folego, cae para não mais se levantar. Não é um adversario, é um multão informe. Os caçadores chegam, e, armados com simples cacetes, assassina o grande assassino de rebanhos com o seu fato de carnava.

O tigre é, para os seus graciosos filhos, um pae cheio de ternura e bondade. Para brincar com a sua encantadora familia, despreza os rebanhos e esquece a *humanidade*. É um prazer vêr este grande bebedor de sangue, brincar como os gatos, rebolar-se na herva com os filhos que acaricia com a larga patta, que enlaça com a comprida cauda, como se passa um braço ao pescoço d'um amigo.

E se alguma féra pára surpreendida, em vez de saltar e de a devorar, o papá tigre, olhando-a com bondade parece di-

zer-lhe: «Então, não é tambem pae de familia?»

Quanto á mãe, é pouco se encarrega da educação dos filhos, ensina-lhes a caçar, a pescar e a combater. O seu amor não tem limites. Em frente dos caçadores partiu cinco lanças e tres cacetes; uma bala feriu-a no coração; cae finalmente, arrasta-se, debate-se, morre e o seu ultimo rugido, misturado de furor e d'amor, parece dizer aos filhos:

—Eis como um tigre deve morrer!

Se, pelo contrario, um caçador lhe rouba os filhos e os leva ao galope do seu cavallo, segue-os durante tres legoas, saltando atravez das torrentes e das moitas; depois cae exhausta de fadiga e de raiva e n'um rugido supremo de tristeza e d'amor parece gritar:

—Vejam, meus filhos, como os amava!

Estendida sobre a herva, parece morta. Que um bello tigre avance fazendo brilhar o seu manto real, não o vê; se a provoca não o ateede. Não é um esposo que procura, são os filhos que pede aos echos da floresta; são os filhos que chama, que chora, e não quer ser consolada.

Fulbert-Dumonteil.

O DEFESO

D'O Seculo:

Embora sejam geralmente desprezados os editaes que prohibem a caça desde 1 de março até 15 de agosto, fomos mui fidedignamente informados de que no importante concelho de Setubal existem guardas rurais, que, sob as ordens permanentes e rigorosas do zeloso administrador do concelho, nosso amigo sr. Simões da Cunha, fazem cumprir á risca aquella determinação, e se algum caçador impertinente se atreve a transgredir-a, não deixa de soffrer as legitimas consequências do seu delicto. Fazemos votos por que seja imitado, sobre este assumpto, o bom exemplo do concelho de Setubal.

Caparica, 18.—Segundo nos informam continuamente a ser transgredidas as disposições do edital que prohibe o exercicio da caça na presente epoca. Alguns individuos, pouco respeitadores da lei, nos terrenos que ficam ao sopé da Costa de Caparica, tem atirado ás perdizes que actualmente se acham acasaladas.

Novamente nos dirigimos á auctoridade a fim de que esta empregue os meios que tiver ao seu alcance, para cohibir tal abuso.

D'O Districto de Setubal:

O sr. administrador do concelho continúa a ordenar aos guardas campestres a mais escrupulosa vigilancia no que respeita ao defeso da caça, estando no firme proposito de fazer punir severamente os que transgredirem o que está determinado sobre tal respeito.

OS CÃES PARA CORRER

(Continuado do n.º 55)

EXCELLENTE caçadores, não conhecendo obstaculos, de nariz fino, bella voz, muito apreciados para as batidas dos lobos e principalmente ao javali.

De constituição e estrutura muito fortes, a sua intelligencia excede á dos outros cães que correm; de energia e coragem inauditas, atacam, mesmo sós, os animaes nas moitas mais impenetraveis.

Os cães da Vendéa de pello curto tem a côr, a conformação e as mesmas qualidades na caçada que os de pello crespo, não differem senão no pello; mas são sobretudo, por causa da estatura que é um pouco mais fraca, cães para lebres e cabritos, posto que ataquem muito bem o lobo e o javardo. De bella voz, são maravilhosos para levantar a caça e, quando

a caça está proxima, a sua busca é semelhante á dos cães que amarram.

Caçando facilmente nos paizes accidentados, os cães da Vendéa são muito estimados dos nossos monteiros que batem as florestas do centro e de Este.

Foi M. de Baudry d'Asson o regenerador d'esta raça. Expositor fiel do Bois de Boulogne, da Cours-la-Reine ou do Terrasse des Tuileries, apresenta todos os annos em Paris os bellos vendeanos das suas matilhas.

Os cães de Saintonge, oriundos provavelmente d'um cruzamento entre os cães brancos e os cães pretos de Santo Humberto, approximam-se dos cães da Gasconha. Brancos com grandes manchas pretas e duas marcas de fogo pallidas por cima dos olhos, são melhores para a lebre, o cabrito e o veado. A sua velocidade é muito maior e o seu fundo celebre, mas são difficeis de crear. É uma das raças de que os creadores se tem occupado mais ha cincoenta annos, porque é um verdadeiro cão d'ordem e qualidades notaveis, de andamento regular, extremamente direito no caminho e facil de emmatilhar.

Segundo certos auctores a raça pura de Saintonge não existe por assim dizer.

Uma raça que está quasi perdida é a dos cães do Alto-Poitou; mas ainda se encontra este sangue em alguns bastardos. Habitualmente tricolor, o cão do Alto-Poitou tem ventas muito finas e extraordinario fundo; pôde caçar um lobo durante vinte e quatre horas sem desamparar.

Entre os cães que correm devemos citar os cães d'Artois, brancos com malhas pretas, ou tricolores, o cão amarelo da Bretanha, o cão de Santo Humberto, quasi desaparecido hoje, mas celebre nos fastos da antiga montaria; o cão normando, o cão d'Ariège, o cão de porcelana ou de franco-condado.

Estes ultimos são verdadeiros especimens de cães de lebre; de pequena estatura, pello branco, curto e fino, com malhas alaranjadas, bons latidores e nariz muito fino, são ardentes na caça e ajudam se muito bem. Gostam pouco do rasto da raposa, mas seguem facilmente o do cabrito. A raça d'estes elegantes cães tem-se conservado quasi pura; vem em linha recta dos cães de porcelana do marquez de Foudras, e foi o ultimo abba-de de Luxeuil, M. de Clermont-Tonnerre, quem deu um casal ao seu medico o dr. Coillot, de Montbon; seu neto, igualmente medico e senador do Haute-Saone, tem actualmente uma matilha que sustenta com cioso cuidado.

Com estas differentes raças fizeram-se muitos cruzamentos, que muitos caçadores preferem ás raças puras em que tantas vezes é necessario introduzir sangue estrangeiro para as conservar.

Por ultimo citemos algumas raças francezas de cães para correr que desapareceram completamente; os cães do Loire, os cães Cerès, os cães azues de Foudras. Em Inglaterra ha menos variedades de cães que correm do que em França, posto que os caçadores do outro lado do estreito sejam celebres; segundo a ultima classificacão adoptada pela sociedade central de Paris, conta-se: os *Staghounds*, os *Fox-hounds*, os *harriers* e os *beagles*; acrescentemos o *otter-hound* ou cão de lontra.

(Continua.)

Editor responsavel—MANUEL AUGUSTO PINTO

Typ. do Commercio de Portugal—R. Ivens, 35, 41.